

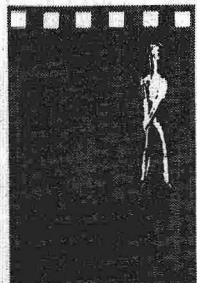


Coisa de cinema ou de festival? Não bastassem os atropelos de praxe, os escândalos e a própria crise de idéias do cinema, o Festival é obrigado a improvisar para escolher os premiados

28 OUT 1988
JORNAL DE BRASÍLIA

Você jura que existe um júri?

A diretora de cinema Tizuka Yamazaki e o ator Antônio Pitanga, e ainda Djalma Limongi Batista (cineasta diretor de Brasa Adormecida e Asa Branca) e Helvécio Ratton (diretor) são os responsáveis pelo jogo que se abriu na tarde de ontem sobre a mesa do Clube do Gamão do Hotel St. Paul. Eles eram dados a menos no gamão que Marlos Nobre queria jogar quando convocou para o início da tarde uma reunião com os jurados da mostra em 35mm: os dois primeiros não apareceram (Tizuka não pôde vir porque teve problemas com os filhos) e nem vão aparecer; os outros dois não conseguiram chegar no dia de abertura. Nesse frustrado gamão, Marlos Nobre se reuniu com paciência de pescador com os quatro gatos pingados. Lá estavam Marco Altberg (diretor), José Accioly (cineasta brasileiro), Dori Caymmi (compositor) e Denise Milfont (atriz, substituindo Antônio Pitanga).



Na sala de gamão Marlos Nobre e os jurados decidiram que aconteça o que acontecer a organização do Festival vai criar quantas sessões forem necessárias para que, é óbvio, todos os jurados vejam os filmes.

Previdência

A sala de reuniões, ou o clube de gamão, parecia ontem à tarde um posto de saúde da Previdência Social. O clínico-geral Marlos Nobre foi obrigado a atender clientes com todo tipo de problema, inclusive um caso de decepção: Iza Castro (do Centro de Distribuição Independente) e Mário Lúcio (cineasta) chegaram no meio da tarde ao St. Paul para participarem do Fórum de Cineastas (terça-feira), mas suas reservas só estavam abertas a partir do dia 30 (domingo). Ficaram sem quarto, ficaram nervosos e depois ficaram mais tranquilos quando, mesmo a contragosto, Marlos Nobre começou a ver que medicamento poderia arranjar. Coisas de festival.

Continua sumido, até mesmo do clube de gamão, o assessor de Cinema da Fundação Cultural — José da Matta — que não apareceu (nem vai aparecer) às noites de exibição no shopping. Ele está literalmente desligado do Festival, considera seu papel cumprido e está, em outras palavras, de saco cheio das confusões governamentais.

Gafes

Na clínica do clube de gamão recebeu também um paciente com problemas apenas de coluna (jornalística). Pedi ao maestro que me desse sua impressão sobre o início da maratona cinematográfica, e relatei alguns pontos: o filme de Zózimo Bulbul ficou sem som por dois minutos; o diretor de curta Arthur Omar fez escândalos na porta do Cine Park 1 porque queria entrar na sala de projeção para corrigir defeitos antes que seu filme fosse exibido, e a sala do Park 3 estava vazia na sessão dedicada ao chamado grande público.

Marlos Nobre, o clínico, explicou a questão do júri e fez seu diagnóstico sobre os outros sintomas: a) o filme do Zózimo Bulbul era novo em folha e soltava partículas que prejudicavam o bom funcionamento dos projetores. Seria pior para o filme se sua projeção fosse interrompida... o próprio Zózimo concordaria com o diagnóstico; b) Arthur Omar ficou nervoso no momento de mostrar seu filme, fez um escândalo compreensível mas não entrou na sala de projeção. Diretor nenhum vai entrar na sala; e c) foram computados pouco mais de cento e vinte ingressos para a sessão do público. "Acredito — encerrou Marlos Nobre — que o próprio andamento do Festival atraia mais gente".

Coisas de festival.

PS do Editor, de última hora: Iza de Castro (que estava sem quarto no St. Paul) acabou convidada a participar do júri, e também a diretora de Terra para Rose, Tetê Moraes, e o pesquisadores Morimassa Myizato Limongi e Helvécio Ratton não chegaram. O time corre o risco de entrar em campo sem goleiro.



Denise Milfont, Dori Caymmi, Marlos Nobre, Altberg e Accioly: sem quórum para o gamão

Luiz Tajés